

CHICO ANYSIO

“Não existe graça nova e graça velha, existe graça e falta de graça”

ARTHUR DE FARIA

Ele está no Theatro São Pedro até o próximo domingo, com o show “Tem um homem na praça”. Mas sua passagem por Porto Alegre ficará marcada também pela longa e reveladora entrevista que deu à imprensa. Magoado com a cobrança que alguns vêm lhe fazendo por ter apoiado Fernando Collor no segundo turno e porque outros vêm dizendo que ele está ultrapassado, Chico AnySio disse tudo o que pensa sobre a imprensa, sobre a Rede Globo, sobre Jô Soares, o humorístico *TV Pirata* e a novela *Pantanal*, entre outras coisas. De quebra, depois de terminada a entrevista, avisou: vai começar a se dedicar mais à pintura. No segundo semestre circulará com uma exposição chamada “Meu mestre e eu”, com obras dele e seu professor Roberto de Souza. Com isso, também vai preparando sua aposentadoria da TV para daqui há quatro anos

— Vamos com as abóbadas primeiro: desses 184 personagens que você criou, qual foi um real fracasso? E há algum que você prefira?

Chico — Acho que uns 84 não deram certo. As vezes a pressão que dá é que aquilo não seria uma maravilha e não é. Não não funcionaram eu tinha, não fiz mais. Os que funcionaram, de vez em quando faço de novo. E tenho um pouco de gratidão é com o professor Raymundo, porque foi o primeiro que eu fiz, foi quem abriu as portas do rádio e da televisão. Mas é como filho: em dias que a gente odeia um, em dias que a gente adora outro.

— Algum personagem mais polêmico?

Chico — Depende da pessoa, não? Mas houve alguns que usaram. Quando eu fazia o *Chico City* e o prefeito era Adir, eu recebi uma carta dos prefeitos do Brasil reclamando que ladrões são eles, não meu... Eles queriam que eu desgrasse, dizendo que existia era prefeito corrupto, ladrão não existia prefeito safado, mas ladrão não... Eu disse não, o meu prefeito é um prefeito diferente deles: o meu roubava conscientemente. Eles roubavam sub-repticiamente. Quando eu fiz o Tim Tones, recebi muitas reclamações de vários Tim Tones. A Igreja Católica, a Protestante, a Batista, a Assembleia de Deus não reclamaram, mas a Universal do Reino de Deus reclamou. Agora, que nós estamos numa época muito gritante desse negócio das igrejas, se eu fizesse o Tim Tones — “pode correr a acolinha”, como eles fazem,

“templo é dinheiro” e tal... talvez até me matassem, de tão irados que eles estão. Mas eu falei sempre: só reclama de Tim Tones quem é Tim Tones. Eu vou fazer um personagem, no segundo semestre, de uma mulher que conversa com o presidente lá da Casa da Dinda. Já está pronto o cenário até, que é aquela biblioteca de onde ele falou e tal, e é uma mulher que foi babá de Fernando Collor, a quem ela chama de Afonsinho, dá conselhos, e que seria a Salomé dele. Isso pode dar problema. E tomara que dê. Mas, de um modo geral, não...

P — A Salomé, no Governo Figueiredo, não deu problema?

Chico — Ele levava a sério! Teve uma vez em que eu gravei dois quadros no mesmo dia, já que eu tinha uma viagem. Num ele tinha feito um negócio qualquer com as crianças, que eu não tinha gostado e tal. Ai falei pra ele (voz de Salomé): “Bah, eu não quero conversa contigo mais, João Baptista, tu mexeu com as crianças, não quero mais conversa contigo...” E pá! Desliguei. No outro eu começava dizendo: “Bah, João, tu me desculpe. Eu tava nervosa, bati com o telefone na tua cara”. Quando o primeiro quadro foi ao ar, ele ligou pro Dr. Roberto: “Isso é um absurdo! A Salomé bateu o telefone na minha cara, eu sou o Presidente da República, ela tá pensando que é o quê?”. O Dr. Roberto Marinho me chamou: “Olha, o homem ligou reclamando, dizendo que você bateu o telefone na cara dele...” Eu disse: “Não, Dr. Roberto, mas já tá

pronto o outro, manda subir o teipe”. Ai subiu o teipe onde já tava o outro e ele ligou pro presidente: “Olha, já tá gravado até, aquilo fazia parte da programação, ele te pede desculpas semana que vem e tal...”

P — O pessoal tem cobrado muito pelo apoio que você deu ao Collor no segundo turno?

Chico — Não apoiiei ninguém, não posso apoiar ninguém, mal me apoio... Votei no Doutor Ulysses. Em Collor, votei no segundo turno. E votei porque não poderia votar no Lu-



Dou emprego a 110 pessoas, podia dar a só 40

la. Eu não voto em quem não resiste a um ditado de dez linhas. O Lula tem que aproveitar esses cinco anos pra fazer o ginásio. E os outros cinco, ele faz o científico. Se forma e aí é candidato a presidente. Curso primário é pouco pra mim. Presidente tem que saber mais



do que eu. No mínimo saber dez vezes mais do que eu. Se eu votasse no Lula não me barbearia mais, não me olharia mais no espelho. Eu não teria coragem de botar o meu país na mão do Lula. Então, quem é? Se tem Lula e Collor, eu voto no Collor. Eu não votei a favor do Collor, eu votei contra o Lula.

P — E você está decepcionado com o governo Collor?

Chico — Não, por uma razão: eu nunca esperei muito dele. Eu não esperava muito de nenhum. São Francisco de Assis, se assumir no Brasil, ele vai levar 20 anos pra consertar. Isso Santa Clara dando uma força e Santo Antônio de Pádua também. Nós somos um país de corruptos, onde corrupção é o nosso lema. Eu fui há pouco numa farmácia e tinha um cara dizendo pro outro: “Doutor, eu tenho um negócio maravilhoso pra nós, deixa a inflação voltar...”. Então nós preferimos a inflação, nós somos um país completamente esquisito. O presidente da República tinha que ser Dom Helder Câmara, quando ele ainda tinha possibilidades, sabe? Aos 60.

P — Mas o Collor prejudicou muito a área cultural, extinguiu a Lei Sarney...

Chico — Não sei não. Eu nunca me aproveitei da Lei Sarney. Esse bloqueio do Collor à Lei Sarney, acho que aos artistas não atrapalhou em nada. Pode ser até que alguns tenham se valido dela, mas pra mim quem se valeu dela foi quem já tinha dinheiro. Mesmo porque ninguém conseguiu entender a Lei Sarney, E

o Collor botou o Ipojuca Pontes na cultura. A classe não gosta do Ipojuca, mas não gosta por tabela, porque não gosta da Tereza Rachel. Eu não tenho nada contra os dois, trabalhei no teatro dela e conversei com ela na minha vida qua-

tro vezes. Mas as pessoas que conversaram mais são contra. Eu acho que o Ipojuca é um camarada que na teoria tá certo, porque é um cara que escreveu livros, que fez filmes, é um cara que trabalha na televisão e é dono de um teatro.

“Roberto Marinho é o melhor patrão do mundo”

P — Como é a tua convivência com a TV Globo?

Chico — A melhor possível. P — No que ficou aquela rixa que você teve com a emissora, no ano passado?

Chico — Olha, tudo passa. Desentendimento a gente tem com a mãe, com o pai, tem com irmão, com filho; por que eu não vou ter com a TV Globo? Eu trabalhei em várias televisões e nunca tive um patrão melhor que o Roberto Marinho. As pessoas odeiam o Roberto Marinho, mas eu não tenho o menor ódio, a menor bronca da fortuna dele, tudo bem. Nem do fato que ele ganhou um pouco dela com o meu trabalho. E já disse isso pra ele. Eu faço um programa onde 85 atores são contratados e 25 recebem cachê, quer dizer, dou emprego pra 110 pessoas e ele sabe que eu podia fazer o mesmo programa com

40. E me deixa dar emprego a mais 70. Eu uso 18 redatores quando poderia fazer o mesmo com quatro. Ele sabe disso e me deixa dar emprego a mais 14. Isso tem muita importância pra mim. E qualquer dessas pessoas que tenha alguma coisa ele paga tudo do hospital. É um câncer da Cláudia Gimenez e só telefonar: “a Cláudia tá com câncer...” e ele “Manda consultar, que eu pago tudo”. E não paga só das pessoas do meu programa, paga tudo do hospital de qualquer pessoa da emissora ou de outra estação, como pagou da Bete Mendes quando ela era da Tupy e sufriu aquele acidente... É o único patrão que eu vi fazer isso. Eu tenho de Rede Globo 21 anos. E nesse tempo todo só tive uma briga com o Dr. Roberto.

P — Qual?

Chico — Foi quando ele cor-